

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

Vestígios da história do Amapá: populações marginalizadas no período Janary Nunes (1944-1954)

ERANILDA ABREU DE OLIVEIRA*

A comunicação tem como objetivo apresentar os resultados iniciais da pesquisa “Vestígios da história do Amapá: populações marginalizadas no período Janary Nunes (1944-1954)”, tendo em vista que a história do Amapá ainda tem muito para ser construída, tendo como sujeito aqueles que ficaram à margem desse processo. Será destacado o processo de exclusão de parte da população amapaense com base nos escritos Michele Perrot (especialmente **Os excluídos da história**), enfatizando-se o remanejamento dos afrodescendentes do centro de Macapá para áreas periféricas no governo Janary Nunes (1944). Também serão ressaltadas as formas de resistência desenvolvidas pelos marginalizados, como por exemplo, o Marabaixo que foi usado no período para mostrar a indignação e insatisfação da população negra.

Ao longo do processo de escrita da História são evidenciados os grandes governantes e seus feitos, os acontecimentos que mudaram os enfoques históricos, a política, a economia, a cultura, enfim. A impressão é que não foi dada a devida importância para a base de qualquer sociedade, a população em geral. A classe menos favorecida é ocultada, quanto menos citarem suas reivindicações e resistências melhor é para que mais e mais trabalhadores não tomem conhecimento desses movimentos. É incipiente as pesquisas que retratem as questões sociais de forma em que o sujeito histórico seja o trabalhador, o desempregado, o drogado, a prostituta, o agricultor, etc. Os tipos urbanos apresentados por João do Rio (1995), por exemplo, são aqueles indivíduos estigmatizados e excluídos socialmente. O movimento narrativo da obra analisada é todo engendrado pelas visitas do narrador à “miséria”, aos estigmatizados e excluídos da sociedade “civilizada” do Rio de Janeiro que vagam pelas ruas. O narrador interessa-se principalmente pelos modos de pensar e de viver desses miseráveis: quais as suas ocupações, o que vestem, o que comem, onde dormem. É como se quisesse dizer explicitamente que apesar do progresso da civilização, há excluídos dessa lógica. Nas tramas apresentadas, a barbárie cristaliza-se essencialmente porque aos pobres e miseráveis,

* Acadêmica do curso de História Bacharelado 9º semestre, pela Universidade Federal do Amapá. E-mail: eranoliv@hotmail.com

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

2

excluídos do acesso às promessas de progresso e riqueza da modernidade, só resta a prática de crimes e vícios.

Em 1944 a população macapaense passava por sérios problemas sociais, pois Janary Nunes estava consolidando seu projeto de povoar, sanear, educar. Neste sentido, havia grandes índices de doenças devido a falta de água tratada, esgoto e medidas de combate à malária, dengue, disenteria, etc. Grande parte da população era analfabeta e pouco era o número de escolas para que as crianças tivessem acesso à educação. O Amapá, pela sua imensidão parecia uma região desabitada, por isso a necessidade de povoar essas terras e garantir sua posse. Transporte público, torre de transmissão de sinal da tv, energia vinte e quatro horas, etc. faziam parte dos anseios mais estavam longe de serem concretizados.

Para entender o processo histórico dos povos afrodescendentes faz-se necessário uma retrospectiva. Antes de serem escravizados os africanos organizavam-se em grandes reinos, viviam em relativa harmonia, com seus costumes, crenças e tradição tendo assim desenvolvido uma cultura própria. Devido a uma frágil organização social na África a população sem poder aquisitivo estava vulnerável à escravidão, assim, africanos escravizavam africanos. Diante dessa conjuntura Portugal criou meios para se beneficiar e passou a patrocinar o tráfico de escravos para o Brasil e outras partes do globo.

Ivone dos Santos Portilho (2010) dá o seu parecer sobre a política adotada por Janary Nunes:

“É com o intuito de criar um novo padrão de cidade, que o governo do Território Federal do Amapá passa a promover remanejamentos e implementar a política de modernização da cidade de Macapá, uma nova cidade, uma nova forma de se organizar, pensar e agir influenciando os padrões sócio-culturais locais. A construção de prédios públicos, a edificação de conjuntos residenciais, e o remanejamento da população mais pobre das zonas centrais para a área periférica da cidade, são elemento que vão consolidando o ordenamento urbanístico de Macapá, principalmente com a construção de residências-modelo destinados aos funcionários do Território”(PORTILHO, 2010, p.08).

Mas para criar um novo padrão de cidade fazia-se necessário uma seleção de cidadãos? E fazendo-se necessário qual o critério de tal seleção, classe social, etnia? Nessa medida não houve sequer o cumprimento da constituição que coloca todos os cidadãos iguais perante a lei.

Fernando Rodrigues dos Santos (1998), em seu livro **História do Amapá** define o estilo personalista do primeiro governador do Amapá. Chama-o de retórico, apologético,

ufanista e emotivo (p.34). Destaca também uma postura racista na medida em que estabeleceu em seu governo verdadeiro estamentos a partir da cor da pele.

... as pessoas brancas ou com predominância de caracteres desse tipo étnico ocupariam cargos e funções relevantes. Os mestiços bem evidentes, quase sempre desempenhariam atividades de caráter intermediário. Já os negros atuavam nos serviços gerais, principalmente, e na capital trabalhariam na Prefeitura, na limpeza pública (SANTOS, 1998, p.35).

Em relação ao remanejamento temos como exemplo de resistência o Marabaixo, onde a população demonstrava sua indignação e insatisfação nas letras de suas canções. O Marabaixo, “dança dramático-religiosa de cortejo afrodescendente” (VIDEIRA, 2003-2004), está inserido na definição de dança afro por representar a história e a cultura do afroamapaense, fortemente guardada na memória do negro amapaense, que consegue fazer a ligação entre sua história individual/ coletiva e a do Amapá desde sua ocupação. Temos também o quilombo dos Palmares em Alagoas, onde seu representante Zumbi dos Palmares lutava contra a escravidão. A formação de quilombos era uma forma de resistência contra o sistema escravocrata, uma vez que representava a liberdade, lugar de não opressão e de criação de laços de solidariedade e organização social sem interferência externa. Aqueles que não conseguiam escapar, mesmo sob vigilância criavam meios para manterem suas crenças, tradições e costumes africanos, mesmo que para tanto fosse necessário mesclar sua cultura com a cultura ocidental.

Hoje as comunidades afro-descendentes têm seus ideais estabelecidos:

- **Lutam pela preservação da memória coletiva:** desenvolveram uma série de mecanismos de preservação e propagação de suas tradições africanas por meio da religiosidade, da dança, da música e da publicação de textos científicos que retratam de forma minuciosa temas relacionados aos povos remanescentes. Uma autora amapaense que se destaca por tratar do tema de forma genuína por ser afro descendente é Piedade Lino Videira, em seu livro Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense a autora traz a representação escrita da família do Marabaixo, fazendo um estudo sobre a população negra no Amapá com base em variados registros e história de sentidos múltiplos: a união da dança, das cantigas, das lembranças, da cultura e das representações de um povo. Videira prova que qualquer tema pode ser objeto de estudo, mesmo que seja as vezes incompreendido e depreciado, a sua divulgação vai quebrando barreiras e trazendo pessoas desinformadas a terem uma nova postura diante da questão.

- **Buscam políticas de ações afirmativas:** essas políticas já deram bons frutos como a lei nº10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira na educação brasileira e as cotas raciais que ampliou as chances para a população de cor ingressar numa universidade.

- **Combatem a problemática da invisibilidade:** através de ações afirmativas e mecanismos que divulguem suas tradições. O Marabaixo é um grande aliado do negro amapaense, pois hoje é reconhecido como característico da cultura amapaense. Sabe-se que para alcançar esse status houve muito sofrimento, lutas e perdas, mas no fim, encontrou-se um terreno fértil para contar a história que não foi escrita nos livros.

- **Colocam-se como sujeitos que produzem as relações sociais:** a trajetória e os movimentos mostram que os negros escrevem a própria história, estão atuantes como cidadãos e se organizam para ter seu espaço na sociedade, não querem ser tratados como incapazes, querem apenas que seus direitos sejam reconhecidos e respeitados.

Pretende-se explicar sobre a constituição do Território Federal do Amapá buscando enfocar as razões dessa política, quais as transformações ocorridas em Macapá depois da medida e como a população se beneficiou depois da criação do território.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Ocupa-se em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade – os padrões culturais – estruturas sociais e processos históricos, obtidos através de conversas com pessoas, relatos orais, que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas. Logo, será fundamental o uso das fontes orais nessa pesquisa. Já tivemos a oportunidade de conhecer dona Josefa, de 97 anos, que nos deu alguns esclarecimentos a respeito do remanejamento e do governo Janary. Nessa perspectiva, O presente estudo visa entender como era o cotidiano amapaense na década entre os anos 1944-1954 tendo como objeto a experiência histórica dos despossuídos.

Os objetivos da pesquisa são os seguintes:

1) Investigar como foi a atuação do governo em relação aos subsídios necessários para a instalação dessas famílias na nova área, buscando informações a respeito de assistência à moradia, saúde, educação, segurança, entre outros, uma vez que essas famílias foram para áreas desabitadas e sem a mínima infra-estrutura.

2) Identificar como se deu o processo de adaptação na nova área, pois essas famílias foram retiradas de um local onde já haviam criado laços de amizade, apego a casa e construído uma rotina em que já estavam acostumadas.

3) Buscar informações a respeito da reação dessas famílias ao saberem que deixariam seus lares, identificando se saíram por livre e espontânea vontade, se foram forçadas a sair ou se foram convencidas a sair por algum líder comunitário.

4) Reconhecer as formas de reivindicações manifestadas pelas famílias afro-descendentes depois de perderem seus lares.

Logo, temos as seguintes Hipóteses:

1) O governador Janary Nunes retirou a população de cor do centro de Macapá para o Laguinho, Perpétuo Socorro e Favela (Santa Rita), sem prestar o apoio necessário para que essas famílias se estabeleçam na nova área, uma vez que sua preocupação maior era tornar a capital atraente aos olhos dos turistas e da classe média.

2) A comunidade afro-descendente teve que buscar seus próprios meios para se adaptar à nova realidade, trabalhando na agricultura familiar por se tratar de uma área em que já havia a prática dessa atividade; trabalhar na construção de moradias e na busca de água para o consumo; buscar os remédios naturais para a cura de enfermidades e lutar por seus direitos em busca de educação, emprego, segurança, etc.

3) A população em questão resistiu ao decreto de sair de onde viviam, no entanto o governador usou de sua influencia para convencer a população deixar seus lares, negociando com um líder comunitário (Julião Ramos), que foi fundamental para que a comunidade aceitasse se retirar sem confrontos.

4) O Marabaixo foi utilizado para manifestarem a indignação que sentiam ao serem excluídos. As letras das canções traduziam a insatisfação de serem retirados pela segunda vez de onde viviam, pois já haviam sido tirados contra suas vontades de sua terra natal.

Temos assim, os seguintes objetivos operacionais:

1) Analisar os depoimentos de moradores que vivenciaram ou que tiveram acesso à informações sobre o objeto tratado afim de detectar como essas famílias foram prejudicadas ao serem retiradas de seus lares. Buscar informações muitas vezes proibidas de virem à tona por se tratarem de assuntos polêmicos como discriminação e exclusão.

2) Buscar nas matérias de jornais informações que retratem como esse fato ocorreu, se houve indignação por parte da população em geral ou se negligenciaram completamente o acontecido não produzindo nenhuma matéria que falasse sobre a questão.

3) Reconhecer no trabalho com fotografias do período a composição e estruturação de Macapá antes e depois do deslocamento das famílias, buscando compreender as razões da política adotada pelo governador Janary Nunes.

4) Levantar dados do IBGE a fim de estabelecer uma estimativa de quantas pessoas constituíam essa comunidade, seu grau de escolaridade, sua fonte de renda.

Lista das Fontes

Instituições de Guarda:

Biblioteca Elcir Lacerda:

- Artigos de jornais;
- Fotografias;
- Revistas;
- Livros;
- Diário Oficial a partir de 1944;

Arquivos

- Cúria Diocesana;
- Câmara de vereadores.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

- Dados sobre:
 - População Afro-descendente;

- Escolaridade;
- Emprego e renda.

Jornal Amapá

- Artigos
- Fotografia

Comunidade de depoentes

- Buscaremos moradores antigos que presenciaram este fato histórico de remanejamento ou que ouviram de familiares como o ele ocorreu, pessoas entre 70 e 80 anos de idade que possam contribuir através de depoimentos. O objetivo é entrevistar 05 ou 10 moradores que revelem suas visões de como o remanejamento ocorreu, a fim de estabelecer uma narrativa em que ambos se tornam sujeitos históricos descrevendo as experiências vividas.

Espera-se recuperar para a história do Amapá a memória desses sujeitos históricos, marginalizados no passado e no presente.

REFERENCIAS:

BONDUKI, Nabil. **Crise de habitação e luta pela moradia no pós-guerra**. In: KOWARICK, Lúcio (org.). **As lutas sociais e a cidade**. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Segregação urbana, enclaves fortificados e espaço público**. In: Idem. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2000.

DAVIS, Mike. **A traição do Estado**. In: Idem. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARCUSE, Peter. **Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o estado**. In: *Espaço e Debates*. São Paulo: NERU. v. 24, n. 45, p. 24 – 33, jan./jul. 2004.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1988.

REIS, A. C. F. 1949. **Território do Amapá: perfil histórico**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Oficial.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

8

SILVA, M. O. 1989. **Políticas habitacionais brasileiras: verso e reverso**. São Paulo: Cortez.

SANTOS, F. R. 1998. **História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do Janarismo: 1943-1970**. Macapá: Ed. O Dia S. A.

SAWAIA, Bader Burihan. Introdução: **exclusão ou inclusão perversa?**. In: _____ (Org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração**. In: *Revista Cidades*. v. 1, n. 2, 2004.

VICENTE, Luiz Vieira. **Ser negro no Brasil hoje**. Editora Moderna. São Paulo: 1997.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, Dança Afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Universidade Federal do Ceará: 2009.